

Bd Boom

algumas interpretações desenhadas

João Paulo Cotrim

Adaptar quer dizer divulgar ou interpretar?

O tema é importante por se estarmos a viver momentos de larga contaminação entre as artes e os media, mas também porque foi e continua a ser altamente produtivo na banda desenhada nacional. Não é este o espaço para uma análise mais cuidada, mas adaptar foi visto durante muito tempo como uma maneira de simplificar, para o melhor e para o pior, obras fundamentais que assim se massificavam melhor, atingindo pedagogicamente jovens e iletrados. É hoje comum que o autor de uma novela seja também o responsável pela sua passagem a série televisiva ou peça de teatro. O poderoso desejo de ficção teceu relações tão complexas entre, por exemplo, o cinema, a banda desenhada, o teatro, o vídeo ou a escultura-instalação exigindo reflexões acerca das especificidades de cada disciplina artística e os mecanismos desta generalizada «transescrita»¹. Curiosamente, entre nós, os autores há muito que a praticam, a partir de lugares de um espectro que se pode definir assim: as adaptações directas, as inspirações em universos e as citações. Exclui-se aqui o caso especial das colaborações em graus diferentes entre escritores e desenhadores, como é caso de Rui Zink e André Carrilho, em *Homens Aranha*. É que aqui Zink escreveu directamente para as imagens de Carrilho.

A fase da ilustração

No relacionamento entre a bd portuguesa e a tradição literária encontramos duas fases evidentes. Na primeira, os autores procuraram traduzir em imagens, e em um imaginário popular de entretenimento, obras de cariz aventuroso e maravilhoso ou de cariz histórico e afirmação ideológica da gesta nacional. Foi no pós-guerra, e teve, em modos distintos, dois grandes cultores. Fernando Bento (Lisboa, 1910-1996), que chegou a usar como matéria narrativa excertos d'«Os Lusíadas», de Camões (cuja biografia desenhou), embora o seu notável contributo para uma gramática visual e temática do género tenha sido o trabalho sobre clássicos da aventura como *O anel da rainha de Sabá*, de Rider Haggard, *Beau Geste*, de P. C. Wren ou *A Ilha do tesouro*, de Robert Louis Stevenson.

E Eduardo Teixeira Coelho (Angra do Heroísmo, 1919), por exemplo em *A Torre de D. Ramires*, de Eça de Queirós, ou em *O tesouro. O suave milagre. O defunto. Adaptação de*

contos de Eça de Queirós, sob argumento de José Carlos Teixeira, mas sobretudo na narração de Álvaro Velho da descoberta do caminho marítimo para a Índia, rescrita por Raul Correia, para *O Caminho do Oriente*.

O cruzamento destes olhares prolongou-se até hoje na obra de autores como José Ruy (Amadora, 1930), com *Femão Mendes Pinto e a sua Peregrinação adaptada em banda desenhada*, ou na abordagem falhada, sem espessura, a *Os Lusíadas*; José Garcês (Lisboa, 1928), com *Eurico, o presbítero*; ou Augusto Trigo (Bolama, 1938) com *Lendas de Portugal em banda desenhada*, sob argumento de Jorge Magalhães. Estilística e tematicamente foram estas as tendências dominantes durante décadas, tendo marcado até autores mais ágeis na narrativa gráfica como Relvas (Lisboa, 1954), aquando da sua visita aos universos de Júlio Verne.²

A fase da interpretação

Ainda que Isabel Lobinho e Mário-Henrique Leiria tenham antes estabelecido especiais cumplicidades, com ele a escrever-lhe argumentos (*Mário e Isabel*) e ela a passar a bd alguns *Contos do Gin-Tónico*, é sobretudo nos anos 90 que explode esta fase.

Repare-se. Vera Tavares (Lisboa, 1975) em *O Medonho Composto*, a partir do folheto de cordel anónimo, de 1748, «Relação de hum monstruoso, e horrível bicho, que nas vizinhanças da Cidade de Visliza do reino de Polónia, se ocultava em hum fragoso monte...» e Filipe Abranches, com *O Diário de K*, a partir de *A morte do palhaço*, de Raul Brandão, são casos emblemáticos. Ambos praticam um expressionismo assente no preto e branco, com Vera Tavares a usar iconografia de época e Filipe Abranches a ser capaz de recriar os ambientes densos de Brandão. *Arquipélagos* de Diniz Conefrey parte de dois contos de Herberto Helder ("Aquele que dá a vida", de «Os passos em Volta» e "(Uma ilha em sketches)", de «Photomaton & Vox»). Leitura tão interessante quanto polémica, esta, suscitada por barroco trabalho de cor.

Sem se pretender ser exaustivo, é de referir ainda Eric Lambé (Kinshasa, 1967), com *Ofélia e os directores de recursos humanos* a redesenhar as célebres cartas de Fernando Pessoa. Na mesma linha, Miguel Rocha assina, em *Eduarda*, uma plástica versão do conto de Bataille, «Madame Edwarda».



Daniel Lopes e João Chambel aproveitam, em *Heróis da Literatura Portuguesa*, não a obra em concreto mas antes a energia ficcional das figuras de Álvaro do Carvalho, Teixeira de Pascoaes, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, António Ferro, Mário-Henrique Leiria e Mário Cesariny para um projecto que cruza várias disciplinas, sempre sujeitas à imposição da narrativa gráfica.

Pedro Nora (V. N. de Gaia, 1977) compôs, a partir de David Soares, uma pujante sinfonia gráfica acerca do elevado preço devido ao acto de criar, na perspectiva do célebre beatnick William S. Burroughs, que veste o papel principal de *Mr. Burroughs*.

José Carlos Fernandes (Loulé, 1964) tem uma obra vasta toda ela feita de ambiências literárias, pelo que não é de estranhar que aqui e ali aflorem pequenos sinais de afinidades ou mais directamente de sugestões oriundas de Borges, Rilke, Camus, Bradbury, Vian mas também Carlos de Oliveira.²

Não podemos, finalmente, esquecer as homenagens que Luís Manuel Gaspar vem fazendo a vultos e a textos, muitas vezes partindo poemas, noutras criando a partir de detalhes biográficos, sempre com um rigor feito de atenção e acrílico. E muito menos a experiência resultante do convite do IPLB, nas comemorações do Dia Mundial do Livro de 2002, a Miguel Rocha, João Fazenda, José Carlos Fernandes, Ana Cortesão e José Manuel Saraiva para fazerem a transcrição (em três pranchas de bd) de contos de Eça de Queirós, Machado de Assis, Miguel Torga, Clarice Lispector e Branquinho da Fonseca. Aqui e ali, surgem ainda notas agudas, como a de Pedro Brito (Barreiro, 1975), no seu *Pano Cru*. Eis a "lírica" rock de um grupo chamado Skamões: "desfez-se a nuvem negra, c'um sonoro brami-do muito longe o mar soou".

lá, lá ... lá, mi... ...ré,ré,ré...

. nada, não passava adiante...

Impossível nenhuma inspiração.

lá, dó...

...lá, Si dó,

ré ...

... lá, lá, lá...



Desesperado, deixou o cravo, pegou no papel escrito e rasgou-o. Nesse momento, a moça, embebida no olhar do marido, começou a cantarolar à toa, inconscientemente, uma coisa nunca antes cantada nem sabida, na qual coisa um certo lá trazia após si uma linda frase musical, justamente a que mestre Romão procurara durante anos sem achar nunca.

O mestre ouviu-a com tristeza, abanou a cabeça, e à noite expirou.

1. Este texto segue de perto o verbete «Banda Desenhada e Literatura», no Suplemento ao Dicionário de Literatura, direcção de Jacinto do Prado Coelho, Porto, Livraria Figueirinhas. A coordenação do suplemento é de Ernesto Rodrigues (Literatura Portuguesa e Teoria da Literatura), Pires Laranjeira (Literaturas Africanas e Brasileira) e Vale Moutinho (Literatura Galega). No prelo.
2. Ver selecção bibliográfica, ficha nº12

João Fazenda
Cantiga de Esponsais
 ContoS Contigo, 2002, IPLB